

## Analizando expressões brasileiras (verbetes em R-S)

Jean Lauand<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo apresenta alguns verbetes que integrarão um futuro “Dicionário filosófico-sociológico de expressões brasileiras”, buscando esclarecer seu uso, datação e sentido.

**Palavras Chave:** expressões brasileiras. uso, datação e sentido.

**Abstract:** This article presents some entries (as part of a coming Dictionary) of Brazilian slang and idioms on their datation, meaning and usage.

**Keywords:** Brazilian slang. Brazilian idioms. datation. meaning.

### Introdução – Expressões brasileiras, seu significado e datação

Neste artigo e no outro que integra esta edição, apresento uma amostra do que será um livro, um “Pequeno Dicionário Filosófico e Sociológico de Expressões Brasileiras”, que sucede o recém publicado *Pequeno dicionário de expressões brasileiras* (<https://www.editoraenguaguacu.com.br/product-page>).

Para a elaboração destes verbetes comentados, contamos com a preciosa ferramenta para estudos de fraseologia: o imenso banco de dados da Hemeroteca da Biblioteca Nacional (abreviaremos por BN), que permite a consulta *on-line* de milhares de periódicos, desde o surgimento da Imprensa brasileira, com a vinda da Família Real. Em cada citação (na qual manteremos a grafia da época), indicamos o órgão de imprensa, a data de publicação e a cidade ou Estado da federação do qual ela procede.

### Abreviaturas aqui empregadas

**BN:** Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional.

**Delicado** – é referência ao livro de Antonio Delicado, *Adagios portuguezes reduzidos a lugares communs*, Lisboa, Officina de Domingos Lopes Rosa, 1651.

**Pequeno Dicionário:** verbetes do “Pequeno dicionário de expressões brasileiras”, São Paulo: Enguaguacu, 2023.

**Rolland, Francisco ed.** - *Adagios, Proverbios, Rifãos e Anexins da Lingua Portugueza*, tirados dos melhores authores nacionaes, e recopilados por ordem alphabetica por F.R.I.L.E.L. Lisboa: Typographia Rollandiana, 1841. Nova edição correcta, e augmentada (a 1ª. edição, da mesma casa e coligida por Rolland, é de 1780).

---

<sup>1</sup>. Professor Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. [jeanlaua@usp.br](mailto:jeanlaua@usp.br). Autor do recém-lançado: *Pequeno dicionário de expressões brasileiras*. São Paulo: Enguaguacu, 2023.

## Raízes bíblicas de expressões que usamos

Quais são os grandes referenciais de comunicação comuns a todos os brasileiros? Ao contrário de outros países e épocas, não temos clássicos que todos tenham lido; nem riquíssimos repertórios de provérbios, que, no Oriente, são conhecidos por qualquer criança. Não são patrimônio comum episódios da história pátria, que possam ser trazidos para aplicação a outros casos. Nem um Alcorão, que nos países árabes abastece de metáforas e frases feitas os diversos setores da vida secular.

Assim, para nós, o futebol é de longe o principal fornecedor de metáforas e expressões para a vida cotidiana: situações políticas, econômicas, afetivas, profissionais etc. são rapidamente compreendidas por meio do recurso a seu amplíssimo repertório. Um par de exemplos, de comunicação aparentemente difícil, mas que se tira de letra, bem e rapidamente, evocando o futebol.

Dois amigos em um restaurante vão pedir pratos individuais e querem, em alguma medida, compartilhá-los. Um deles diz: “– Vamos pedir dois pratos e a gente divide”. Ao que o outro, responde: “– Divide, não: o mando de jogo da carne é meu; o do peixe, é seu” (não vai ser meio a meio, mas...).

Fim de semestre; a avaliação final já foi feita, o professor pretende dar aulas muito abreviadas e simbólicas, mas não pode dispensar formalmente os alunos (embora queira passar a mensagem de que vai fazer vista grossa na presença e “esquecer” de fazer a chamada...), mas, claro, não quer assumir esse relaxamento. E diz: “– Bom, gente, nosso curso praticamente acabou. Ainda temos mais duas aulas, mas é só para cumprir tabela...”.

Mesmo os que não se interessam por futebol, acabam valendo-se de sua linguagem, tal a viveza e o interesse de sua vigência para o brasileiro.

Se metáfora fosse campeonato de pontos corridos, o futebol seria campeão com muitas rodadas de antecipação. Mas, e para saber quem é o vice? Bom, aí embolou o meio de campo...

Talvez a Bíblia. Com a desvantagem de que suas metáforas e expressões são usadas, mas sem que se tenha o mesmo vigor e, em muitos casos, os usuários nem se lembram da proveniência bíblica desta ou daquela expressão. Quando a Grande Rio cantou seu samba-enredo “Quem nunca? Que atire a primeira pedra”, no carnaval de 2019, seus ouvintes entenderam a expressão, mas talvez muito poucos evocaram o episódio de Jo 8, 7, no qual Jesus impede o apedrejamento da mulher adúltera. Para não falar do “bode expiatório” de Lv 16, 8-10; 20-22; que alguns chegam a pensar que é um bode que fica ““espiando” e acaba por levar a culpa.

Dentre as inúmeras expressões bíblicas, recolhemos a seguir algumas poucas, cuja origem no livro sagrado parece-nos menos evidente para muitos (em alguns casos, não se tratará necessariamente de origem, mas de alguma relação de sentido com este ou aquele versículo).

Começemos com alguns casos de formulações proverbiais.

Quem, ao ver o célebre slogan-provérbio do SBT em fins dos anos 80 (então, ainda TVS), se lembraria de que é literalmente uma frase de Jesus Cristo (Mt 7, 8): “**Quem procura, acha**” (ao qual Sílvio Santos acrescentou apenas o advérbio: “Quem procura, acha... aqui”).

Outros escandalizar-se-ão ao saber que é bíblico (do Velho Testamento, claro) o duro: “**Olho por olho, dente por dente**”, prescrito 3 vezes (Ex 21, 24; Lv 24, 20 e Dt 19, 21) e revogado por Cristo (Mt 5, 38), que propõe, em seu lugar, a também proverbial “**oferecer a outra face**” (Mt 5, 39) e ainda (Mt 26, 52) a advertência: “quem empunha a espada, pela espada perecerá” (ou se se prefere: “**Quem com ferro fere, com ferro será ferido**”).

Também é de Jesus, a comparação “**Cego que guia outro cego**” (Mt 15,14; Lc 6, 39). São bíblicos ainda os conhecidos provérbios: “**Quem semeia ventos, colhe tempestades**” (Os 8, 7) e: “**Quem dá aos pobres, empresta a Deus**” (Pv 19, 17).

E também expressões como “**dois pesos e duas medidas**” (Prv 20, 10); “**umbigo do mundo**”, o centro de tudo, o mais importante, tabur haaretz (umbigo da terra), que aparece em Jz 9,37 e Ez 38,12. Já “dar murro em ponta de faca” é formulação ligeiramente modificada de At 26, 14, que recolhe a fala de Cristo a seu perseguidor Saulo: “Dura coisa te é recalitrar contra o aguilhão”. E “**cruzar os braços**”, “**ficar de braços cruzados**”, não trabalhar, aparece em Pv 6, 10 e Ecl 4,5. Já **adeus**, para despedida que se presume definitiva (e, portanto, encomendo-te *a Deus*), encontra-se em Atos: Paulo despede-se da comunidade e diz “Não voltareis a ver o meu rosto... a Deus vos encomendo” (At 20, 25 e 32)

Uma expressão curiosa, não proverbial e mesmo desconhecida pelos falantes contemporâneos, é a que o escritor Andrew Solomon, foi buscar no Salmo (90[91], 6), na tradução da Vulgata, para o título de seu livro, já clássico sobre a depressão “**O demônio do meio dia**” (*The Noonday Demon*).

Há palavras que ganharam sentido adicional pela Bíblia. O Oxford English Dictionary (OED), indica em suas etimologias algumas palavras que estenderam seu sentido sob influência da Bíblia. É o caso do inglês *way*: o caminho (*derek*), que na perspectiva semita não está pré-determinado e não comporta uma tradução como a que temos que repetir nas missas: “Caminhamos pela *estrada* de Jesus!”. Para aquele povo do Oriente, o caminho (e Jesus é o caminho – Jo 14,6 – é o de cada um: não há rodovias no deserto... Não por acaso, *derek* significa também o jeito pessoal de cada um fazer as coisas: uma acumulação semântica que foi parar no inglês *way*, como na canção imortalizada por Sinatra “My way”.

Também **talento** – no sentido de dom ou capacidade artística, intelectual etc. – decorre (OED) de um uso figurado da parábola dos talentos, narrada por Jesus em Mt 25, 14-30.

Já a palavra tão em moda, **escândalo** (escândalo das joias, escândalo do mensalão etc.), no sentido de algo que pode levar a erro, mau procedimento, remete ao uso bíblico: “pedra, obstáculo que faz tropeçar” (Houaiss), como por exemplo em Rom 14, 13; I Pe 2,8; Mt 16, 23 etc.

E **carismático, carisma**, que passou a ter o uso profano de poder de imediatamente encantar e despertar simpatia das massas (“Barack Obama era muito carismático”, “Alckmin tem pouco carisma”), é no Novo Testamento um dom que beneficia a comunidade, como se discute em I Cor 12, no caso, como dom do Espírito Santo, preparando o famoso discurso, cap. 13, sobre o carisma maior, o amor (*ágape*): “Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos...”.

Não já no campo de etimologias de palavras e expressões encontramos em nosso modo de falar algumas influências (ou ao menos semelhanças) da linguagem da Bíblia.

Começemos com o superlativo. Uma forma de superlativo semita é a conhecida “x dos x”. Aparece, por exemplo, em Apocalipse 17, 14 (ou 19, 16), quando se diz de Cristo, que é Rei dos reis e Senhor dos senhores. Curiosamente esse formato bíblico, reaparece – surpresa das surpresas – no hino do Corinthians: “Salve o Corinthians, o campeão dos campeões”. Note-se de passagem, que o próprio nome do time é bíblico, remete à Epistola aos Coríntios (em inglês, *Corinthians*). Mais precisamente à passagem em que São Paulo compara os esforços requeridos pela vida cristã aos de atletas e corredores que desejam vitórias (I Cor. 9: 24 e ss.). No século 19, ante o preconceito de igrejas contra o esporte (“culto ao corpo”, etc.), o aval do

Apóstolo era usado por cristãos esportistas que invocavam a Epístola (daí o nome do time inglês *Corinthian*, que inspirou o nosso Corinthians)

Outra estrutura surpreendente é o uso do passado para indicar futuro. Como ensina Aida Hanania, falando da peculiar visão semita do tempo, ancorada no passado: “É como se, nessa visão monolítica do tempo, o presente e o futuro não tivessem autonomia em face do passado, este, sim, determinante e determinador. Essa preponderância do passado repercute na gramática”. A gramática semita pode valer-se do passado para expressar o futuro, que aparece, assim, como mera resultante do passado. Como diz o Eclesiastes (1,9): “O que foi é o que será; o que se fez é o que se tornará a fazer: nada há de novo sob o sol!”. O futuro é, assim, até em termos gramaticais, determinado pelo passado e por ele expresso em sentenças proverbiais, como, por exemplo, a já citada “Quem semeia ventos, colhe tempestades”, que no original soa: “semeou ventos, colheu tempestades”. Tal fato torna-se compreensível quando nos lembramos de alguns exemplos de uso semelhante em nossa língua, especialmente em linguagem publicitária: Sedex “mandou, chegou” (se mandar, chegará); Estadão: “anunciou, vendeu” (quem anunciar, venderá); Tomou Doril, a dor sumiu.

## (afirmação da) Realidade em inglês

É frequente que os sinônimos, embora designem a mesma coisa, não sejam sempre substituíveis, pois costuma acontecer que cada um acentue um determinado aspecto da realidade significada. Assim, por exemplo, cada uma das palavras: “lar”, “casa”, “residência” e “domicílio”, tem sua ênfase própria, embora todas remetam ao mesmo imóvel (cf. verbete “Muito – intensivos...”).

A língua inglesa é muito rica em expressões para expressar a realidade de uma situação, como: *as a matter of fact*, *actually*, *indeed*, *of course* etc. Embora sejam “sinônimas” e em diversos casos intercambiáveis, cada uma delas tem sua história e seu uso mais apropriado.

### *As a matter of fact*

*As a matter of fact* é uma expressão que quer apontar somente para os fatos, independentemente das opiniões, desejos e emoções<sup>2</sup>. Para além de viéses e ideologias, “*as a matter of fact*” remete única e exclusivamente de fatos, com a mesma implacável frieza com que um computador seleciona seu lance ao jogar xadrez.

Diz o OED no verbete “*as a matter of fact*”:

*What pertains to the sphere of fact as opposed to opinion, probability, or inference; also, something which is of the nature of a fact. Phrases, as a matter of fact, in matter of fact: in point of fact, really.*

*Matter*, no caso, adverte o próprio OED, no sentido 16, isto é: “*nearly equivalent to ‘things’, ‘something’*”. Trata-se, pois, de uma referência a fatos (*matter of fact*) para além de qualquer outra interferência: seu uso apareceria em frases como: “Muitos americanos não aceitariam mas *as a matter of fact* o esporte mais popular do

---

<sup>2</sup> A menos que as próprias emoções sejam o fato a destacar, como na canção “*As a matter of fact*”, de Natalie Cole: *Matter of fact (ooh, as a matter of fact) / I love you (oh, as a matter of fact) / And I love that you love me back / As a matter of fact (ooh, as a matter, a matter).*

mundo é o *soccer*” ou “*As a matter of fact*, para a imensa maioria dos países, a palavra *football* indica o *soccer* e não o futebol americano”. Apesar de toda a propaganda e muitas *fake news* mas: “*as a matter of fact* não houve nenhuma comprovação científica da eficácia do tal tratamento da doença”.

### ***Actually***

Já *actually*, deriva da clássica distinção aristotélica entre ato e potência. Potência e ato são noções básicas e intuitivas, tão fundamentais que não se deixam definir. Precisamente uma das grandes contribuições de Aristóteles para a história da filosofia foi a de ter ensinado que há diversos modos de ser; que o ser não é unívoco (nem equívoco), mas análogo. Potência e ato são dois modos de ser: a potência é, por assim dizer, um modo fraco; o ato, forte. O ato é o que mais propriamente é. Ato é o que é real, fático, **já** realizado (aspecto temporal acentuado pela nossa palavra "atualmente"). É nesse sentido aristotélico de realidade que a língua inglesa diz "*actually*" para indicar que algo é realmente, de fato. Já potência é o que pode vir a ser real (em ato), mas de fato não o é; uma semente pode (está em potência de) vir a ser (em ato) árvore; já uma pedra, não.

Assim, o OED registra:

*Actually* - *In act or fact; as opposed to possibly, potentially, theoretically, ideally; really, in reality.*

*Actually* refere-se à realidade dos fatos em oposição a seu potencial. Como quando dizemos que tal time de futebol tinha tudo para ser campeão da Libertadores – inúmeros jogadores talentosos, excelente treinador etc. – mas *actually* nunca conquistou esse título. Ou como lemos num blog de cinema:

In Bloodsport [“O Grande Dragão Branco”], Van Damme is Frank Dux, a boxer of enormous potential but actually a nobody in the martial arts arena.  
(<http://www.nst.com.my/blogs/illips/316>, acesso em 24-09-22)

Nesses casos, se substituíssemos *actually* por “*matter of fact*” perderíamos a referência à oposição potência/ato.

### ***Of course***

Se *actually* originariamente acentua a realidade em oposição à possibilidade, a certeza contida em *of course* provém do costume, do usual, do esperado, do que é normal e *corrente* (sentido etimológico de *course*). Por exemplo, duas pessoas vão juntas em um carro para um almoço marcado com um terceiro, J. Gilberto. Ao perceber que estão uns poucos minutos atrasados, uma delas manifesta sua preocupação e é tranquilizada pela outra: “- Não se preocupe, vamos chegar antes do Gilberto”. “- Você tem certeza?” “*Of course*. Eu o conheço há anos e ele sempre chega pelo menos meia hora atrasado”.

Daí a definição do OED:

Of course. *In ordinary or due course, according to the customary order, as a natural result. of common course: ordinarily, as an every-day occurrence.*

E:

Of course. *In qualification of the whole clause or sentence: naturally, as will be expected in the circumstances; for obvious reasons, obviously. (Sometimes used as an emphatic affirmative reply.)*

### **Indeed e outras formas**

*Indeed* é uma forma derivada de *deed* (*in deed*, até c. 1600 geralmente escrita em duas palavras ou até na forma mais forte: *in very deed*), o feito/ fato<sup>3</sup>, ou segundo o OED: “Deed - *That which is done, acted, or performed by an intelligent or responsible agent; an act*”.

*Deed* é o fato, *indeed* é “de fato”, verdadeiramente, realmente. E seu uso corresponde, mais ou menos, ao nosso “de fato”.

Como em outras línguas, há ainda diversas outras formas de afirmação de realidade ou certeza, como: *really, sure, naturally, certainly, absolutely, in truth, etc.* que não serão tratadas aqui. Algumas dessas expressões de afirmação de realidade, tal como acontece com *indeed*, podem ter ainda outros usos na linguagem, como o de intensivos (“it is very cold indeed”, “was indeed grateful”, “it is really cold”, “really grateful”); ou interjeição que expressa surpresa, dúvida ou ironia; etc.

A grande quantidade e variedade de uso (por vezes sutil) dessas formas parecem indicar uma correspondência a um grande anseio humano: o de atingir a verdade com segurança (não por acaso, *sure* vem do *securus* latino), descobrir a realidade e tomá-la como base de sua vida. Mas, ao mesmo tempo, o fato é que essa mesma profusão parece indicar também a fragilidade dessa pretensão...

## **Santo Expedito (“agradeço a graça alcançada”)**

Santo Expedito, cuja devoção já foi verdadeira epidemia em São Paulo, é um convite para examinar interessantes aspectos de linguagem e discutir importantes questões suscitadas por sua emblemática figura, que hoje anda um pouco sumida.

Após alguns anos de sucesso absoluto, como campeão das causas urgentes (ou: justas e urgentes, porque ele nunca se prestaria a malfeitos), sua visibilidade anda um tanto em baixa. Há muito tempo que não me oferecem santinhos nem vejo em São Paulo aqueles banners e faixas de outrora: “Agradeço a Sto. Expedito pela graça alcançada” (ele veio na contra-mão do provérbio: “Quem *espera* sempre alcança”).

No auge da devoção ao santo despachante, muitos devotos até se permitiam expressar-se com dizeres mais familiares, como: “Valeu, Sto. Expedito, te devo mais uma”. Expedito, como veremos, aprecia essa informalidade e convida especialmente ao tratamento descontraído, na linha descrita já em *Raízes do Brasil*<sup>4</sup>:

---

<sup>3</sup> Também em sentidos derivados, como o de “grandes feitos”, “feitos de armas”, “Atos dos Apóstolos” etc.

<sup>4</sup> BUARQUE DE HOLANDA, S. *Raízes do Brasil*. 26a. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2010

Nosso velho catolicismo, tão característico, que permite tratar os santos com uma intimidade quase desrespeitosa e que deve parecer estranho às almas verdadeiramente religiosas, provém ainda dos mesmos motivos. A popularidade, entre nós, de uma santa Teresa de Lisieux – santa Teresinha – resulta muito do caráter intimista que pode adquirir seu culto, culto amável e quase fraterno, que se acomoda mal às cerimônias e suprime as distâncias. (...) foi justamente o nosso culto sem obrigações e sem rigor, intimista e familiar, a que se poderia chamar, com alguma impropriedade, “democrático”, um culto que se dispensava no fiel todo esforço, toda diligência, toda tirania sobre si mesmo, o que corrompeu, pela base, o nosso sentimento religioso.

O *boom* da devoção a S. Expedito começou há 40 anos, em 1983, quando o radialista Eli Corrêa (“oiii geentee!”), locutor de um programa muito popular, inicialmente na Rádio América de São Paulo, começou a divulgar diariamente graças alcançadas pela intercessão do santo. Logo juntar-se-ia ao programa o padre João Benedicto Villano, tenente-coronel capelão da Polícia Militar, da qual Expedito é o padroeiro.

Na virada de 2000, a revista *Veja* já o qualificava como santo “da moda” e noticiava que em 1999 tinham sido produzidos 72 milhões de santinhos, quadruplicando os 18 milhões do ano anterior. A estratégia de marketing era a da obrigação de distribuir mil santinhos imediatamente após a obtenção da graça e, assim, em poucos anos, 2 ou 3 santinhos para cada brasileiro.

Em 2001, a *Vejinha* noticiava que Expedito havia ocupado o primeiro lugar na devoção dos paulistanos (evidentemente, pressa é devoção de paulistano; na Bahia, de Dorival Caimmy, Expedito não tem devotos à altura...) desbancando o trio anti-aperto: São Judas Tadeu (das causas impossíveis), Santa Rita de Cássia (dos desesperados) e Santa Edwiges (a dos inadimplentes). Claro que, na época, arrumar emprego, sair do cheque especial, pagar as prestações das Casas Bahia – causas impossíveis, geradoras de desespero e inadimplência – foram encampadas por nosso Santo, a título de urgentes, com a vantagem de que Expedito resolve na hora...

Em 2004 (15/04), St. Expeditus ganhou até mesmo a primeira página do *Wall Street Journal*: “Jobless Brazilians Needing Fast Action Call on St. Expeditus”.

Mas na verdade, nunca existiu um santo *Expeditus*: seu nome advém da característica do personagem (como nos *sketches* dos programas de humor, nos quais o marido traído tem o nome Cornélio...), que daria um prato cheio de “predestinado” do José Simão, como a daquele grego, super campeão de ciclismo, chamado Kanellos Kanellopoulos “sebo no Kanellos – hahaha”). E é que Expedito, em latim e português, significa: rápido, desembaraçado, o homem que vai e resolve, sem burocracias (não por acaso, sua igreja fica nos fundos do quartel da ROTA: seus devotos originais...) ou, como ensina Mestre Pasquale:

“Expedito” é o particípio do verbo latino “expedire” (“desembaraçar os pés”, “pôr os pés para fora”, ou seja, pô-los para andar, para correr). Em “expedir” há os elementos latinos “ex-” (“movimento para fora”) e “pede”, “pedis” (“pé”). É por isso que, como adjetivo, “expedito” significa “ágil”, “rápido”, “desembaraçado”. O verbo “impedir” é da mesma família de “expedir”. Temos aí o elemento latino “in-”, de valor negativo. Literalmente, “impedir” significa “não deixar andar”, “travar”. (*Folha de S. Paulo*, 28-09-06).

O fato é que não há base histórica que avalize sua existência... Na verdade, para o povão devoto, isso não faz a menor diferença – se ele existiu ou não é mero detalhe –, o que vale é seu valor simbólico para a massa devota. Nesse sentido, Comte-Sponville<sup>5</sup> lembra a famosa história dos dois rabinos:

Dois rabinos jantam juntos. São amigos. Discutem até tarde da noite sobre a existência de Deus. E concluem que, afinal de contas, Deus não existe. Os dois rabinos vão dormir. Nasce o dia. Um dos dois rabinos acorda, procura seu amigo dentro de casa, não o encontra, vai procurá-lo fora, no jardim, onde por fim o encontra, fazendo as preces rituais da manhã. Surpreso, pergunta-lhe: “Ué, o que você está fazendo?” “Não está vendo? Minhas preces rituais da manhã.” “Pois é isso mesmo que me espanta. Conversamos boa parte da noite e chegamos à conclusão de que Deus não existe, e você agora faz as suas preces rituais da manhã!” O outro lhe responde simplesmente: “É o que Deus tem a ver com isso?”

Não é, mas é, sem deixar de ser, sabe como é? Para a Cúria Romana, a burocracia mais lenta do mundo, surgem, nesses casos de dúvidas sobre a existência real de determinado santo, um delicado problema: como manter o rigor científico histórico sem afrontar a credence de milhões de devotos.

Em 1969, Paulo VI decidiu remover do calendário universal da Igreja muitos santos de existência não comprovada como São Jorge, Santa Filomena, São Cristóvão, Santa Bárbara etc. No Brasil, na época (em plena ditadura militar) o caso ficou conhecido como: “os santos cassados”. Ante a imensa comoção popular que a “cassação” iria causar (alguns eram padroeiros nacionais; milhões de fiéis batizados com os nomes de Jorge, Filomena etc.), o Vaticano arrumou uma de suas típicas soluções: não é, mas é, sem deixar de ser, não sendo, nenhuma e ambas...

Esses santos, nos casos em que a “conveniência pastoral” assim o recomendasse, integrariam somente calendários locais: Inglaterra ou Catalunha, por exemplo, não precisariam prescindir de seu São Jorge (que, oficialmente, não integrava já o time dos santos universais). Entre as nações que não poderiam prescindir do Santo Guerreiro estava a nação corintiana e foi graças ao Timão que São Jorge permaneceu no calendário brasileiro. Um corintiano ilustre, D. Paulo Evaristo Arns, arrancou do Papa esse privilégio e assim relata o diálogo em suas memórias:

“Santo Padre, nosso povo não está entendendo direito a questão. São Jorge é muito popular no Brasil. Sobretudo ante a imensa torcida do Corinthians, o clube de futebol mais popular de São Paulo”. [Paulo VI] Respondeu-me assim: “Não podemos prejudicar nem a Inglaterra, nem o Corinthians”<sup>6</sup>.

Se nem sempre São Jorge salva o Corinthians, naquela ocasião foi o Corinthians que salvou o São Jorge. Santo Expedito nem foi “cassado”, porque simplesmente não era nada na época: só viria a ser algo, anos depois, em São Paulo e no Brasil.

---

<sup>5</sup> COMTE-SPONVILLE, André **O Espírito Do Ateísmo**, São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

<sup>6</sup> ARNS, Dom Paulo Evaristo, **Corintiano, graças a Deus**. São Paulo: Planeta, 2004.

Claro que o caso nunca será levado formalmente ao Vaticano, entre outras razões, porque a Cúria nunca daria o tiro no pé de homologar um santo, cuja característica é a rapidez e a informalidade.

A questão da oficialização de S. Expedito ficará no limbo da burocracia eclesiástica, sistema administrativo que tem a vantagem de que enquanto se adiam por décadas o exame das questões, muitas delas ficam pelo caminho e desaparecem na poeira do tempo...: deixa como está para ver como é que fica (se é que fica...). Daí, talvez, o fato de a Diocese de São Paulo, ao criar sua 300ª paróquia, em 17-12-11, dedicou-a a S. Expedito e ao Sagrado Coração de Jesus: se o Vaticano questionar que se está dando muito respaldo institucional a um santo fictício, a diocese pode responder que a paróquia é do Sagrado Coração de Jesus (o tupiniquim Expedito é só o estepe).

Detenhamo-nos, agora, no diferencial de S. Expedito. Se S. Antônio é o casamenteiro; se S. Francisco é da ecologia e S. Longuinho é para encontrar objetos perdidos, S. Expedito é acionado para causas urgentes. E é objeto de devoção por parte de dois tipos de fiéis: os que por natureza identificam-se com ele, pois são dotados de um temperamento particularmente avesso a esperas e enrolações (cerca de 40% da população, os do tipo *artisans SP*, na terminologia do psicólogo americano David Keirsej) e a totalidade dos que sofrem entraves inúteis da burocracia, estatal ou não (além, é claro, de causas como desemprego, inadimplência etc., que são urgentes).

Antíteses e jogos de palavras. A lenda diz que Expedito era um comandante militar do início do séc. IV – veio a sofrer o martírio por não renegar sua fé cristã –, que ficava adiando sua conversão ao cristianismo. Quem observar o santinho, reparará que Expedito segura uma cruz na qual está escrito *Hodie* (em latim: hoje) e esmaga com o pé um corvo que diz *Cras*, que em latim significa: Amanhã (daí o nosso “procrastinar”); *cras* é também a onomatopeia do corvo (como *miau* é a do gato).

Os Padres da Igreja comentam esse jogo de palavras (*hodie/cras*) sem mencionar nenhum protagonista, para eles trata-se simplesmente de um sugestivo modo de catequese. Se tivesse havido um mártir com esse enredo, S. Agostinho (354-430), S. Cesário de Arles (470-543) e outros que pregam sobre o abominável corvo do *cras*, certamente não teriam ficado apenas na análise das palavras, mas teriam exaltado o herói cristão, que venceu o diabo (alegorizado no corvo) e seus adiamentos. Aliás, os Padres costumam fazer trocadilhos e jogos de palavras com os mártires, como no caso das santas mártires Felicidade e Perpétua, no estilo dos predestinados de José Simão (“foram para o Céu para gozar da felicidade perpétua”. Etc.).

A pregação de Agostinho, diga-se de passagem, está repleta de deliciosos trocadilhos e jogos de linguagem, muito semelhantes aos nossos slogans de publicidade. Contra os abusos de poder dos militares, o bispo de Hipona, exorta: “Militares, estais na milícia (*militia*) e não deveis estar na malícia (*malitia*)”; “Cartago, caldeirão de vícios” (*Cartago, sartago*) etc. Quanto ao corvo e seu diabólico “*cras, cras*”, Agostinho (*En. in Ps.* 102, 16) comenta:

Irmão, não fique adiando sua conversão. Há aqueles que ficam protelando e cumpre-se neles a voz do corvo: “*cras, cras*”. (...) Até quando ficarás no *cras, cras*...? Atente para teu último *cras*. Não sabes quando será teu último *cras*.

E em outro sermão (224, 4) :

Os pecadores devem corrigir-se enquanto vivem. A morte vem de repente e ninguém poderá converter-se. Quando será nossa última hora, não o sabemos. Quem fica dizendo “*cras, cras*”, torna-se

corvo: vai e não volta [como o corvo da arca de Noé], nunca se converte.

Como dissemos, se tivesse havido um personagem qualquer para estreitar esse relato, S. Agostinho (e os demais autores antigos e medievais) não teriam deixado de celebrar esse herói, que, além do mais, melhoraria muito a história.

Torturados pelo “Sistema” que, com suas enrolações, enrosocos e regrinhas absurdas, impede sua ação, os SP são devotos natos de S. Expedito! Os SJ (outro tipo de Keirsej), temperamentalmente voltados para as coisas estabelecidas, assentadas, formalizadas, esquematizadas, institucionalizadas, são avessos a mudanças (se tiver que mudar, que seja lentamente...). Respeitadores dos regulamentos, estatutos e diários oficiais, os SJ não se reconhecem nesse santo e não recorrem a ele... (exceto nos casos em que eles mesmos são vítimas dos excessos do Sistema: obter os papéis para aposentadoria no INSS, por exemplo).

Aliás, diga-se de passagem, a institucionalização de S. Expedito traz em si algumas contradições e contraria o próprio modo de ser do Santo! Um taxista devoto me deu algumas dicas: ele (S. Expedito) obviamente não aceita novenas (imagina se ele vai querer nove *cras*) nem orações longas. E se alguém que obteve uma graça com promessa, deixar para pagar a promessa no dia seguinte, o Santo se vinga e reverte a graça... (“se ele arrumou para o senhor R\$ 5.000 e o senhor adia a vela para ele, ele te dá um prejuízo de R\$ 10.000...”).

O próprio fato de haver um dia de S. Expedito é problemático: imagine se S. Expedito vai aceitar aglomerações de milhares de fiéis, que impõem fila de espera de quatro ou cinco horas para vê-lo...

E muito menos esperar um processo formal de reconhecimento ou canonização da Cúria Romana...

Está explicado o sumiço de Santo Expedito: ele não quer ser institucionalizado e se cansou da tentativa de enquadrá-lo em dia fixo, orações rituais, novenas, filas para vê-lo.

Não quer cidadãos que se recusem a receber mais santinhos dele, fiéis que ficam enrolando para cumprir o que prometeram etc.

Ele saiu de fininho e agora só atende seus verdadeiros devotos: discretos SP do vapt-vupt.

E quem não estiver satisfeito pode ir se queixar para o bispo, para o INSS ou, se preferir, para a Cúria Romana.

## **(está tudo muito bem) Senhora marquesa**

Algumas expressões ganharam o uso comum por nascerem em épocas nas quais seu sentido era evidente para os falantes que, naqueles tempos, as adotaram e as estenderam a diversos setores da vida. Mas, entra década, sai década (ou século...) e a expressão continua (ou não), mas já sem o frescor do impacto original, vivíssimo para os falantes de outros tempos. Assim, no século 19, antes do automóvel, usava-se o cavalo como indicador de máxima rapidez, daí a expressão “o castigo vem a cavalo” e o número de cavalos em uma carruagem era também signo de excelência e assim: “pelo andar da carruagem (se conhece quem vai dentro)”.

Outras expressões têm seu nascimento ligado a piadas, fábulas, frases de filmes, de comerciais da TV etc. de conhecimento geral na época de seu surgimento e que, tempos depois, podem perder seu vigor e a própria expressão vir a cair no esquecimento. Inspirado em uma conhecida piada da época, a expressão “Amigo da

onça” ganhou o Brasil por cerca de três décadas graças ao personagem de mesmo nome, criado em 1943 na difundidíssima revista “O Cruzeiro”. O sucesso do “Amigo da onça” devia-se a sua divertida característica: fingindo ser amigo colocava seus interlocutores nas situações mais constrangedoras. Com o declínio do personagem, a expressão “Amigo da onça” foi substituída por uma de significado semelhante “muy amigo”, bordão do muito popular, nos anos 80, personagem Gardelón de Jô Soares, também hoje esquecido. E a expressão “Nós, quem, cara pálida?” remete também a uma antiga piada envolvendo o Zorro (não o da espada, mas o *ranger*), também totalmente desconhecido para o jovem de hoje.

Claro que na época em que eram associadas a seus personagens “fundadores”, as expressões tinham uma força arrebatadora; hoje, esquecidos esses protagonistas, são meras locuções opacas.

Uma dessas criações geniais, que se incorporou definitivamente à língua francesa é a expressão “Tout va très bien madame la marquise” (“Está tudo muito bem, senhora marquesa”), que proveio de uma cançoneta francesa de 1935 – com o mesmo título e refrão – que obteve rapidamente imenso sucesso em todo o mundo.

Esquecida após muito uso nos anos 40 e 50, época na qual bastava dizer “senhora marquesa” para todos saberem do que se tratava, deixamos escapar mais uma utilíssima (e insubstituível...) forma de atingir uma sutil realidade.

A expressão era usada, por exemplo, para o caso de um governante (ou um candidato, um técnico de futebol etc.) querer tapar o sol com a peneira e insistir em negar uma crise evidente e afirmar que a situação está muito boa, que são probleminhas normais, que só há pequenos acertos a fazer... Ou quando, por medo, ninguém se atrever a dizer ao chefe (ou ao professor, ou ao sargento...) que há problemas graves na empresa (na escola, no quartel...) etc.

Na canção, que jogava comicadamente com a afetação da voz da nobre e de sua criadagem, a senhora marquesa, ausente já por quinze dias, telefona para saber como estão as coisas no castelo. Os criados dizem que está tudo muito bem, mas houve um pequeno probleminha, uma bobagem: morreu a égua, mas tirando isto, está tudo muito bem. E quando ela pergunta ao cocheiro sobre a morte do animal, descobre outro problema e assim por diante... Vale a pena ir ao Youtube ouvir a canção, obra-prima de criatividade e interpretação. Gravada por *Ray Ventura et ses Collégiens* em 1935, foi composta por um de seus músicos, Paul Misraki e a letra da canção diz:

Alô, alô James!  
O que há de novo?  
Ausente há quinze dias,  
Estou telefonando para saber  
O que vou encontrar no meu retorno?

Tudo vai muito bem, Senhora Marquesa,  
Tudo vai muito bem, tudo vai muito bem.  
No entanto, deve ser dito que,  
É de lamentar uma coisinha de nada:  
Um incidente, algo estúpido,  
A morte de sua égua,  
Mas, tirando isso, Senhora Marquesa,  
Tudo vai muito bem, tudo vai muito bem.

Alô, alô Martin!  
O que há de novo?  
Minha égua cinza, morreu hoje!  
Explique-me, cocheiro fiel,  
Como foi que isso aconteceu,

Isso não é nada, Senhora Marquesa,  
Isso não é nada, tudo vai muito bem.  
No entanto, é necessário que se diga,  
É de lamentar uma coisinha de nada:  
Ela morreu no incêndio  
Que destruiu seus estábulos.  
Mas, tirando isso, Senhora Marquesa  
Tudo vai muito bem, tudo vai muito bem.

Alô, alô Pascal!  
O que há de novo?  
Meus estábulos estão queimados?  
Explique-me, meu cavalariaço modelo  
Como isso aconteceu?

Isso não é nada, Senhora Marquesa,  
Isso não é nada, tudo vai muito bem.  
No entanto, é preciso dizer,  
É de deplorar uma coisinha de nada:  
Se o estábulo queimou, Senhora,  
É porque o castelo estava em chamas.  
Mas, tirando isso, Senhora Marquesa,  
Tudo vai muito bem, tudo vai muito bem.

Alô, alô Lucas !  
O que há de novo?  
Nosso castelo está destruído!  
Explique-me  
Porque eu estou abalada  
Como isso aconteceu?

Bem! Senhora Marquesa,  
Vindo a saber que estava arruinado,  
o Senhor Marquês pouco depois  
se suicidou e ao fazê-lo,  
velas ele derrubou,  
Ateando fogo ao castelo  
Que se consumiu completamente;  
O vento que soprou sobre o fogo,  
O propagou para o estábulo,  
E, assim, num momento  
Pôde-se ver perecer sua égua!

Mas, tirando isso, Senhora Marquesa,  
Tudo vai muito bem, tudo vai muito bem.

Infelizmente, a expressão acabou por cair em desuso, mas em 1954 a imprensa ainda podia usá-la sem maiores explicações. Assim, três meses após o suicídio de Getúlio Vargas, o repórter Celestino Silveira se gabava de ser um dos únicos a ter dito as verdades ao Presidente e que este gostara de sua franqueza:

Os governantes não encontram, todos os dias, quem lhes fale a linguagem da verdade. Há sempre interesse em convencê-los de que tudo vai bem, muitíssimo bem, senhora marquesa.  
("Revista da Semana" RJ, 27-11-1954).

Quatro anos depois, porém, para aplicar a expressão à "marquesa" por excelência, o então presidente Juscelino Kubitschek, em seu extremado "otimismo" em 8-11-1958, o jornal carioca "Maquis" já teve que explicar detalhadamente o teor da canção antes de aplicá-la a JK.

### **Origem em uma piada medieval**

Deu-me especial alegria quando um par de sites dedicados à "chanson française" registraram (um deles até traduziu em parte) um artigo meu com a afirmação de que a ideia da canção encontra-se já no ano 1100, quando Petrus Alphonsus (por mim traduzido há muitos anos) a incluiu em sua obra *Disciplina Clericalis*, protagonizada pelo sagaz (e sacana...) servo Maimundo. Eis a versão alfonsiana:

Contam que o senhor voltava do mercado, todo contente pelo bom lucro que tinha auferido. E veio Maimundo a seu encontro. O senhor, vendo-o, temeu que viesse dar más notícias, como era de costume, e advertiu-o:

- Olha lá, Maimundo, não me venhas com más notícias!

E o servo respondeu:

- Não tenho más notícias, senhor, só que nossa cadelinha Bispella morreu.

- Como foi que ela morreu? - perguntou o senhor.

- Nossa mula, assustada, quebrou o cabresto e, ao fugir, esmagou-a sob suas patas.

- E o que aconteceu com a mula?

- Caiu no poço e morreu.

- E como foi que ela se assustou?

- É que teu filho caiu do terraço e morreu. Com a queda, a mula assustou-se.

- E a mãe do menino, como está?

- Morreu de dor pela perda do filho.

- E quem está tomando conta da casa?

- Ninguém, porque virou cinzas: a casa e tudo o que nela havia.

- Como começou o incêndio?

- Na mesma noite em que a senhora morreu, a criada, no velório pela senhora defunta, esqueceu uma vela acesa na câmara e começou o incêndio, que se espalhou pela casa toda.
- E onde está a criada?
- Ela quis apagar o fogo, mas caiu-lhe uma viga na cabeça e ela morreu.
- E tu, como conseguiste escapar, sendo tão preguiçoso?
- Quando vi a moça morta, fugi.

Se, como dizíamos, a “senhora marquesa” nos permitia atingir a realidade de que ninguém quer dar má notícia ao poderoso, a historieta de Maimundo acrescenta-lhe um outro sutil aspecto: a *Schadenfreude*, a inconfessável alegria do servo pela desgraça de seu senhor (o costume de Maimundo de ir a seu encontro para dar-lhe más notícias...).

Freud explica?

## **(ele está no) Serviço**

Um fato encantador de nossa língua (e lembro-me que isso foi notado e elogiado pelo Papa João Paulo II, em sua viagem pastoral ao Brasil em 1980<sup>7</sup>) é chamar o trabalho de serviço: “ele está no serviço”, “vou para o serviço”. O trabalho é identificado com serviço ao outro, ao próximo.

A fórmula que caracteriza o brasileiro como “homem cordial” não significa, como se sabe, que sejamos necessariamente afáveis, mas – para o bem e para o mal – que em nossas relações, também as profissionais e de negócios, tende a prevalecer a emoção, o sentimento, a abordagem pessoal e não a “objetiva”, o que – como adverte o próprio Sérgio Buarque de Holanda – pode desconcertar estrangeiros (digamos americanos, japoneses ou alemães), que atentam só para preço, prazo, características de um produto etc., desconsiderando a necessidade de abordagem pessoal com o brasileiro com quem negociam.

E é no campo dos serviços que se dá um exemplo dessa ambivalência do “homem cordial”. Por um lado, nos serviços oferecidos pelos brasileiros é frequente, nos mais diversos setores, encontrarmos profissionais de altíssimo nível de relacionamento humano: simpatia, acolhimento, calor pessoal autêntico, enfim, excelentes qualidades “conaturais” a muitos brasileiros e que superam de longe o pessoal preparado por programas de treinamento que mecanizam um atendimento “cordial”. Lembro que logo que uma grande cadeia de *fast food* se instalou no Brasil, a brincadeira que fazíamos para “zoar” com os funcionários robotizados era pedir uma pizza de muçarela e, após ouvir, o estandardizado: “Foi um excelente pedido, senhor!”, ajuntávamos: “Não, pensando bem, troca por uma de calabresa!”, para ouvir a mesma resposta: “Foi um excelente pedido, senhor!”.

Por outro lado, está a possibilidade de que ocorram impontualidade, lentidão e falta de sentido de compromisso e de responsabilidade. Também do lado do cliente: é espantosa a sem-cerimônia com que se atrasa (ou mesmo se deixa de comparecer) ao

---

<sup>7</sup>. E destacado em seu discurso aos trabalhadores em São Paulo (3-7-80): “O trabalho é um serviço, um serviço a suas famílias, e a toda a cidade, um serviço no qual o próprio homem cresce na medida em que se dá pelos outros.” ([http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/speeches/1980/july/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19800703\\_operai-brasile\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1980/july/documents/hf_jp-ii_spe_19800703_operai-brasile_po.html)) Acesso em 3-1-2023.

horário agendado com o barbeiro ou o acupunturista (e vice versa: você chega no horário agendado e tem de esperar meia hora ou mais...) e isso, muitas vezes, sem sequer se dar ao trabalho de telefonar desmarcando...

Seja como for, é notório nosso calor humano. Um milhão de estrangeiros de 203 nacionalidades visitaram nosso país na Copa do Mundo de 2018 e para mais de 60% deles era sua primeira visita ao Brasil. Quantos países no mundo poderiam exibir uma avaliação sobre os anfitriões (pesquisa DataFolha) com 98% no quesito simpatia; 95% em receptividade e 95% de ótimo ou bom quanto à hospitalidade? (<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/176159-copa-do-mundo.shtml>).

A outra face dessa moeda do acolhimento espontaneamente humano e amável por parte dos funcionários é a prepotência de muitos ricos, madames e “bacanas”, e seu desprezo pelo serviço e pelos mais humildes. Os supermercados de bairros nobres de São Paulo são todo um laboratório da mentalidade de nossas “elites”.

Certa feita, em um desses estabelecimentos, sem querer, derrubei um pacote de salgadinhos de uma prateleira. Ao abaixar-me para apanhá-lo, uma madame interveio energicamente: “Não faça isso...!”. Eu, erradamente imaginei que ela estava condoída de minhas dificuldades motoras (andador etc.), até que ela completou: “‘Eles’ (a senzala) é que têm que fazer isso!”. A casa grande não podia abrir precedentes para a senzala. Por isso, outra das regras tácitas é não agradecer e – jamais, sob hipótese alguma – desculpar-se com algum escravo.

Nesse mesmo estabelecimento, atrás de mim, no caixa reservado para o máximo de 10 volumes, estava uma madame pondo sob a esteira muitos mais produtos do que o estabelecido. A mocinha do caixa, timidamente, avisou: “Senhora, o máximo aqui são dez volumes”. Ignorando completamente a advertência, a distinta continuou a descarregar. A funcionária, com voz ainda mais baixa, tornou a avisar. E como a madame insistisse em ignorar, eu resolvi intervir drasticamente: “A senhora não ouviu o que ela disse: o máximo são dez volumes?”. Do alto de sua superioridade e com um sorriso misto de condescendência e desdém (pela “traição” que eu, como branco, estava cometendo), ela ajuntou com a maior cara de pau: “Mas minhas compras não chegam a dez volumes...”. Pensei em armar uma bela confusão, chamar o gerente etc. mas detive-me ante o desfecho óbvio que o caso teria: punição para a atendente do caixa...

Nem é preciso dizer que, nesses estabelecimentos, as vagas de deficientes e idosos nunca são respeitadas e já presenciei um funcionário receber humilhações e pesados insultos somente por solicitar o devido cartão a um cliente.

## **Sofisticado – uma notável inversão de significado**

Em seu livro “Studies in Words”, C. S. Lewis fala do fenômeno de inflação no uso de palavras fundamentais que pode levar a um esvaziamento de seu significado (pense-se, p. ex. na tão maltratada palavra “amor) e até a uma (diabólica) inversão de polaridade: “Aquela palavra que originalmente designava uma qualidade positiva, esvazia-se de seu sentido inicial ou passa até a designar uma qualidade negativa”. Assim, perdemos por exemplo o vigor que os antigos dispunham para elogiar um homem íntegro, “*de una sola pieza*”: “simples”! Simples hoje é empregado em muitos contextos depreciativos: “Procure dar explicações muito mastigadas: ela é uma pessoa simples, coitada”. “Coronel, perdoe: ele não passa de um simples soldado, coitado”. O mesmo ocorreu, como tão bem mostrou Pieper, em seu clássico “Virtudes Fundamentais (cardeais) com a palavra prudência, para os antigos mestres cristãos, a ativa e valente virtude do decidir pelo bem e de agir bem e que hoje passou quase a

designar um vício: “Para a compreensão do homem de hoje, porém, a noção de bem e a noção de prudente excluem-se em vez de se apresentarem solidária: a mentira e a covardia são muitas vezes consideradas bastante prudentes, e, por outro lado, imprudentes a sinceridade e a dedicação corajosa”.

Se “simples” degradou-se semanticamente; “sofisticado” percorreu o sentido contrário. Sofisticar é a arte dos sofistas: praticar engano, produzindo cuidadosa ilusória aparência de verdade.

E é esse sentido negativo que a palavra teve durante muito tempo entre nós. Desde sua primeira aparição na BN (“Gazeta dos Tribunaes” RJ, 28-04-1846) e até as primeiras décadas do século 20, “sofisticado” é usada no sentido de falsificado, fraudulento, adulterado. Assim, o leite sofisticado é a causa de muitas mortes de crianças e um “sofisticado vinho do Porto” é simplesmente um lote falsificado, que foi apreendido por conta de laudo do “Laboratorio de Analyses” na Alfândega de Manaus (“Jornal do Commercio” AM, 12-01-1924). Na década de 30 começa a aparecer também no sentido de postiço, afetado. Só nos anos 40, ao lado desse sentido de coisa ou atitude artificial (“esse modelo de pilama é meio sofisticado, mas elegante”, “o ar sofisticado que tanto prejudica a personalidade de certas crianças do teatro” – lemos em “O Cruzeiro”) começa a surgir “sofisticado” com significado de requintado, elegante, fino e de bom gosto. Assim, encontramos na página de receitas de culinária de “O Cruzeiro” (04-09-1949) algo impensável alguns anos antes: a proposta de um “Molho francês sofisticado”! Após um século habitando o negativo e o pejorativo, esse novo sentido prevalece nos anos 60 e acabou por se impor até os dias de hoje!

As citações, que recolho de Pieper<sup>8</sup>, podem dar inquietantes pistas para tentar compreender o fenômeno da atualidade dos sofistas: “A sofística não está tão longe de nós, como se pensa” (Hegel); “a era dos sofistas: nosso tempo” (Nietzsche) e “o sofista se parece muito mais com o verdadeiro filósofo do que o próprio” (John Wild).

Pelo menos “sofisma” ainda continua com seu sentido execrável: “argumento ou raciocínio concebido com o objetivo de produzir a ilusão da verdade, que, embora simule um acordo com as regras da lógica, apresenta, na realidade, uma estrutura interna inconsistente, incorreta e deliberadamente enganosa” (Houaiss).

Recebido para publicação em 22-05-23; aceito em 10-06-23

---

<sup>8</sup>. “*Missbrauch der Sprache – Missbrauch der Macht*” Werke, vol. VI.